

Opinião

PÁGINA 6 O POVO
FORTALEZA - CE, TERÇA-FEIRA - 16 DE JULHO DE 2013

ARTIGOS

Bandidos aos 16

Adísia Sá
adisiasa@gmail.com



Jornalista

Macário Batista, na sua coluna - no *O Estado* -, dia 13 de junho, trouxe uma informação me-recedora de análises, discussão: "Bandido aos 16. A Confederação Nacional do Transporte (CNT) divulgou uma pesquisa onde revela que a redução da maioridade penal é aprovada por 92,7% da população brasileira. Pela pesquisa, a ideia seria que a maioridade penal passasse de 18 para 16 anos. O documento aponta ainda que 69,1% dos brasileiros acreditam que os crimes cometidos por menores de idade aumentaram muito nos últimos anos."

Infelizmente isso é verdadeiro: rara a notícia sobre crimes - assaltos, assassinatos - que não traga a presença de menores. Acredito até que exista a "indústria da meno-

ridade", ou seja, qualquer gangue, quadrilha tem sempre um menor no meio. E não é coincidência, não, é de propósito: flagrado o delito, o dedo é logo apontado - "foi ele" e o "foi ele" é um menor de idade. Já li na imprensa local que o menor - assaltante, ladrão, criminoso - chegado à Delegacia se apresenta logo "sou de menor" e, como tal,

é liberado. Sai rindo...

O tema já chegou ao Congresso Nacional: atualmente três propostas sobre a maioridade penal precisavam ser aprovadas na Comissão de Constituição e Justiça do Senado.

A maioridade, no meu entender, não deve ser limitada à idade: quantos adolescentes não são flagrados como assassinos, ladrões, bandidos da pior espécie? A maioridade, isto sim, deve levar em consideração a natureza do delito. Crime frio, metulosamente tramado não é sinônimo de imaturidade e, sim, de ardilosa e astuciosa "maioridade".

O que precisa ser analisado é o histórico desse menor: sua formação familiar, localização de sua moradia, companheiros de rua, de escola. Sem faltar, faço questão de dizer, o laudo de psicólogos.

Saindo do teórico, tomemos como metáfora: quando alguém aponta um dedo para outrem, quatro ficam em sua direção. Ou seja: "aquele é o bandido". E a sociedade é o quê? Sociedade, repito, lato senso - família, escola, companhia...

Mas voltemos ao ponto inicial do comentário: a redução da

maioridade penal, mesmo aprovada por 92,7% da população brasileira, será suficiente para diminuir a criminalidade no seio do garoto, do adolescente, do jovem? Quando eu emprego "garoto", não estou me restringindo ao sexo masculino, mas o menor: meninos e meninas. Sim, meninas. O noticiário policial traz, também, meninas como membro de gangues e grupos assaltantes e criminosos. Meninos e meninas soltos na rua? De pais separados? De famílias desagregadas? Gerações perdidas?

O tema não deve ficar na informação dada por Macário Batista, ou seja, bandido aos 16 anos e redução da maioridade penal, não: precisa ser levada à sala de aula, às redações, aos gabinetes de juizes.

ESCREVE ÀS TERÇAS

"Ai dentro, Vossa Excelência!"

Mauro Oliveira
mauro.oliveira@fortalnet.com.br



Provedor da Bodega de Artes Raimundo de Chiquinha de Aracati (La Barca)

"Uma campanha política é a arte da fofoca, da mentira e do achaque. Como na guerra, o ser humano se despe de suas máscaras... Pessoas por mim consideradas dignas justificam a necessidade de receber dinheiro, benesses futuras... E isso atinge tanto a elite, viciada na mamata dos bens públicos, quanto os escravizados pela ignorância... Uma campanha política é a incubadora da corrupção. Nela se retroalimenta o sistema onde criam-se compromissos que serão pagos

ou ressarcidos com o erário. E o ciclo se eterniza viciosamente sem se saber quem veio primeiro: o corruptor ou o corrompido".

Estas e outras "pérolas" estão documentadas no livro *4.581, Sobras de Campanha*. Repleto de citações corajosas e inteligentes, do "cabo eleitoral com idade suficiente para criar vergonha..." a Nietzsche, a obra nos remete à execrável realidade da política de amizades traídas, de princípios quebrados, da ética esquecida; tudo em nome da governabilidade do sistema, ou "sobrevivência do eu", diria Freud de porre!

4.581, Sobras de Campanha é o relato de um empresário vencedor vindo dos cafundós do sertão, que um dia deu na "telha de entrar num galinheiro pastorado por raposas". Escrito pelo cearense Frabane, em tempos de Joa-

quim Barbosa, o livro expõe verdades que todos sabem, enojam nossas consciências, coça nossa goela, mas que, por descuido, indiferença ou conveniência pessoal, nos deixamos calar.

Impresso em fevereiro último, ele preconizou, de certa forma, as recentes manifestações, essa "marcha sem família e sem deus pela liberdade", com baderneiros fodidos e com jovens nutridos dizendo basta à corrupção a partidos ausentes.

É a era da internet não entendida por alguns políticos. Flagrados no avião da FAB ainda zombam do contribuinte: "É, tive azar... mas eu pago". Paga e tá resolvido, né, cara-pálida? "Ai dentro, Vossa Excelência", gritaria qualquer bebem no pré-carnaval do Boteco!

ESCREVE MENSALMENTE